

**A COSMOLOGIA INDÍGENA EM  
SALA DE AULA:  
COMPREENDENDO O PAPEL DOS  
MITOS PARA O POVO WAJÃPI DO  
AMAPÁ**

*INDIGENOUS COSMOLOGY IN THE  
CLASSROOM: UNDERSTANDING THE  
ROLE OF MYTHS FOR THE WAJÃPI  
PEOPLE OF AMAPÁ*

**Genifer Santos do Nascimento**

Licenciada em História pela Universidade Federal do Amapá (2024) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Amapá. Macapá, Amapá, Brasil. ORCID 0009-0008-2912-1232. E-mail: genifersnascimento05@gmail.com

**Simone Garcia Almeida**

Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2001). Professora Titular do Curso de Licenciatura em História e do ProfHistória da Universidade Federal do Amapá. Macapá, Amapá, Brasil. ORCID 0000-0002-8862-7742. E-mail: simonepgarcia@uol.com.br

**Resumo:** Este estudo evidencia a cosmologia indígena e o papel da mitologia para o povo indígena Wajãpi do Amapá. Desse modo, é abordado os mitos nas sociedades indígenas, as suas percepções de mundo e como interferem no cotidiano dessas etnias. Em especial, destaca-se os mitos dos Wajãpi e como os elementos filosóficos de sua cosmologia são associados ao seu dia a dia, a sua religiosidade, além de ser explorado também aspectos da história desses sujeitos, sua origem, suas terras, o fortalecimento de seu modo de ser e as suas formas de Bem-Viver. Buscou-se também reconhecer a relevância que há na utilização de mitologias indígenas no campo educacional de História, as quais ainda são pouco conhecidas tanto no ambiente escolar, quanto fora dele. Assim, é crucial que sejam reconhecidas e valorizadas como um elemento importante da cultura do povo Wajãpi.

**Palavras-chave:** Cosmologia. Mitologia. Wajãpi. Ensino de História.

**Abstract:** This study highlights indigenous cosmology and the role of mythology for the Wajãpi indigenous people of Amapá. In this way, the myths in indigenous societies, their perceptions of the world and how they interfere in the daily lives of these ethnic groups are addressed. In particular, the myths of the Wajãpi are highlighted and how the philosophical elements of their cosmology are associated with their daily lives and their religiosity, in addition to exploring aspects of the history of these individuals, their origins, their lands, the strengthening of their way of being and their forms of Well-Being. The aim was also to recognize the relevance of using indigenous mythologies in History Teaching, which are still little known inside and outside the school environment and should be recognized and valued as an important element of the culture of the Wajãpi people.

**Keywords:** Cosmology. Mythology. Wajãpi. History Teaching.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que no campo histórico há um forte diálogo com outras áreas do conhecimento, em decorrência da utilização de abordagens interdisciplinares. Uma

---

delas se trata da ligação da História com a Antropologia, que teve como consequência novos pressupostos teóricos e conceituais, que por sua vez, possibilitou “a análise de relações de contato entre povos cultural e etnicamente distintos”<sup>1</sup>. Com isso, partindo dessas novas perspectivas, diversas visões preconceituosas e estereotipadas estão sendo ultrapassadas, revelando assim, sociedades complexas. Dentro delas, há sujeitos e grupos étnicos e sociais diversificados, que não são estáticos, circulam, relacionam-se e instigam-se de forma genuína e mútua. Desse modo, suas culturas, histórias e identidades são transformadas e ressignificadas, construindo-se dinâmicas em diferentes contextos históricos.

Este estudo enfoca a História Indígena, especialmente a cosmologia Wajãpi e o Ensino de História. Partiu-se da constatação de que no campo da pesquisa histórica o estudo da história indígena é algo recente. Já no campo educacional, sabe-se que os currículos escolares possuem em suas matrizes abordagens extremamente eurocêntricas. É raro encontrar em livros didáticos conteúdos relacionados aos povos indígenas, especialmente, a uma História Indígena mais contemporânea, mesmo com a existência da Lei nº 11.645/2008<sup>2</sup> que torna obrigatório a abordagem da História e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas em salas de aula da educação básica, percebe-se, ainda, uma certa invisibilidade indígena, de suas representações, suas histórias e culturas.

É perceptível que a questão indígena ao ser apresentada aos discentes depende das escolhas dos(as) docentes diante dos caminhos que lhes são possíveis. Tendo isto em vista, objetivamos dar ênfase em um povo indígena do estado do Amapá, os Wajãpi, ressaltado suas contribuições culturais na sociedade amapaense. Vale destacar que essa etnia tem muitos aspectos interessantes em sua história, incluindo o que serviu como fonte para esta pesquisa, os seus mitos. O povo Wajãpi possui uma mitologia que está relacionada à construção de sua identidade étnica, o

---

<sup>1</sup> CELESTINO DE ALMEIDA, Maria R. História e Antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 151.

<sup>2</sup> BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008.

que traz uma reflexão para as aulas de história sobre o protagonismo das populações indígenas no Brasil.

Por outro lado, Giovani José da Silva e Vitor F. Silva <sup>3</sup> pontuam que ainda há dificuldades de “romper os modelos tradicionais” de ensino, em especial no Ensino de História em que muitas vezes, não há o uso de mitologias indígenas em sala de aula. Frente a isto, pensamos que com a utilização dessas narrativas é possível promover uma aproximação de alunos/as não-indígenas com a cosmologia do povo Wajãpi, conseqüentemente adentrando em sua história e cultura. Para os indígenas os mitos são importantes e possuem significados que ajudam na construção de imagens familiares, uma vez que eles fazem parte do seu dia a dia, não havendo separação do mundo real com o mundo mítico, mas sim uma integração de ambos. Com isto, professores e historiadores têm a possibilidade e a responsabilidade de utilizá-los em suas aulas, pois através deles, é possível mostrar aos estudantes a visão de universo que os Wajãpi possuem.

Assim, o presente trabalho busca evidenciar a cosmologia indígena e o papel da mitologia para o povo indígena Wajãpi do Amapá. Desse modo, é abordado de que maneira as sociedades indígenas concebem esses mitos, relacionando-os às suas percepções de mundo e como isso interfere no cotidiano dessas etnias. Em especial, destaca-se alguns mitos dos Wajãpi e como os elementos filosóficos de sua cosmologia são associados ao seu dia a dia, além de ser explorado também aspectos da história desses sujeitos, sua origem, suas terras, o fortalecimento de seu modo de ser e as suas formas de Bem-Viver. Buscou-se também reconhecer a relevância que há na utilização de mitologias indígenas no Ensino de História, as quais ainda são pouco conhecidas dentro e fora do âmbito escolar e que devem ser reconhecidas e valorizadas como um elemento importante da cultura do povo Wajãpi.

---

<sup>3</sup> JOSÉ DA SILVA, Giovani; SILVA, Vitor Ferreira da. Ensino de História e mitologias indígenas: memórias e narrativas Kadiwéu (MS) e Wajãpi (AP). *Revista Historiar*, vol. 9, n. 17, p. 8-28, jul./dez. de 2017.

## OS MITOS NAS SOCIEDADES INDÍGENAS

Os diversos grupos indígenas habitantes do Brasil contemporâneo possuem suas próprias percepções de mundo que variam de comunidade para comunidade, nenhum povo indígena é igual, cada um possui as suas próprias singularidades podendo até ter semelhanças, que, no entanto, não anulam a individualidade de cada uma dessas populações. Estão enraizadas nessas sociedades heranças ritualísticas e filosóficas que estão inseridas em suas cosmovisões, suas histórias, em suas vidas social e cultural que variam de acordo com as condições de existência de cada etnia. Dessa forma Aracy Lopes da Silva<sup>4</sup> afirma que para os indígenas, seu cotidiano e concepções sobre determinado assunto, como a criação do mundo, por exemplo, orientam e dão significado às maneiras como interpretam os acontecimentos que fazem parte da sua realidade

As narrativas míticas estão intrinsicamente ligadas à cosmologia que os povos originários possuem em seu universo cultural, refletindo uma característica complexa e fascinante dos saberes indígenas. Lopes da Silva pontua que “neste plano, definem-se os atributos da identidade pessoal e do grupo, distintiva e exclusiva, construída pelo contraste com aquilo que é definido como o ‘outro’: a natureza, os mortos, os inimigos, os espíritos”<sup>5</sup>. Assim, esses mitos fazem parte das concepções de mundo dos povos indígenas, que guiam suas vidas e se expressam por meio de uma linguagem simbólica que compõe os rituais habitualmente realizados por variadas etnias. A cosmologia indígena é um dos pontos centrais deste trabalho, por isso é importante que fique claro qual a sua definição para evidenciar ao que realmente se refere, assim, Lopes da Silva a conceitua da seguinte forma:

Cosmologias são teorias do mundo. Da ordem do mundo, do movimento no mundo, no espaço e no tempo, no qual a humanidade é apenas um dos muitos personagens em cena. Definem o lugar que ela ocupa no cenário total e expressam concepções que revelam a interdependência permanente e a reciprocidade constante nas trocas de energias e forças vitais, de conhecimentos, habilidades e capacidades que dão aos personagens a fonte de sua renovação, perpetuação e criatividade. Na vivência cotidiana, nas

---

<sup>4</sup> LOPES DA SILVA, Aracy. Mitos e Cosmologias Indígenas: Breve Introdução. In: GRUPIONI, Luis Donisete B. *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994.

<sup>5</sup> LOPES DA SILVA, 1994, p. 75.

aldeias indígenas, essas concepções orientam, dão sentido, permitem interpretar acontecimentos e ponderar decisões<sup>6</sup>.

Nessa perspectiva, para Clóvis Brighenti as cosmologias fundamentam a visão de mundo das sociedades indígenas, manifestada “através das mitologias, filosofias, línguas e expressões socioculturais e religiosas”<sup>7</sup>. É importante ressaltar que as pinturas corporais dos povos indígenas também são elementos relevantes, pois, por meio delas é revelado como cada etnia visualiza o universo e estão diretamente ligadas aos valores mais profundos dessas sociedades, algo que tem relação com as suas cosmologias, que guiam os indígenas em suas formas de ver e viver a vida. Elas referem-se às suas vivências, no que creem e estão muito presentes em suas culturas, representações, memórias, saberes, religiosidades e práticas. Por outro lado, é perceptível, de acordo com Lopes da Silva<sup>8</sup>, que desde o início da colonização portuguesa há registros de práticas que envolvem as cosmologias e mitologias dos povos indígenas. Na atualidade, elas se mantêm vivas como uma forma de resistência, já que inicialmente eram vistas pelos europeus apenas como superstições que deveriam passar por um processo de transformação, sendo desconsideradas como formas de conhecer e estar no mundo. Nesse sentido, pontua Lopes da Silva:

Os mitos dos povos indígenas da América vêm sendo coletados, registrados e interpretados por não-índios desde que foram feitos os primeiros contatos, no contexto da Conquista. Inicialmente entendidos como narrativas de caráter religioso, expressão de crenças e superstições que deveriam ser compreendidas para serem transformadas e, no final do processo, substituídas pela verdadeira fé dos colonizadores [...].<sup>9</sup>

Com esse ideal desconsiderava-se que as cosmologias e mitos indígenas são o resultado da produção de conhecimento de um determinado povo sobre sua vida, sua sociedade e sua história e que expressam experiências e concepções próprias

---

<sup>6</sup> LOPES DA SILVA, 1994, p. 75.

<sup>7</sup> BRIGHENTI, Clovis Antônio. Revisitando a Lei 11645/2008: A Contribuição das Cosmologias Indígenas em Sala de Aula. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, vol. 16, n. 31, p. 3-21, 2022. p. 18.

<sup>8</sup> LOPES DA SILVA, Aracy. Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos sócio-culturais indígenas. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC, MARI, UNESCO, 1995. p. 317- 340.

<sup>9</sup> LOPES DA SILVA, 1995, p. 317.

que devem ser levadas em conta, especialmente, na atualidade, onde ideias equivocadas estão sendo desconstruídas a partir dos avanços relacionados aos estudos sobre a História Indígena. Esses modos de viver dos indígenas constroem-se e reconstróem-se ao longo do tempo, estão inseridos em símbolos, sentimentos e matérias que se encontram e se misturam em um só universo, no caso o do mito e da cosmologia. Logo, isso permite a interconexão entre vida e pensamento, sociedade e natureza, além de trazer a possibilidade de haver um sentido para a humanidade no mundo<sup>10</sup>.

Diante do exposto, observando essa questão inserida no universo escolar, nota-se que a mitologia indígena era associada corriqueiramente a lendas ou histórias para o público infantil. Eram produzidas coletâneas e livros abordando essas narrativas, no entanto, seus autores não se identificavam com o pensamento ameríndio, raramente o respeitando. De forma geral, os textos míticos eram adulterados ou “corrigidos”, para poderem ser utilizados<sup>11</sup>. Essa forma de abordagem inicial dos mitos está diretamente relacionada ao padrão que a sociedade ocidental tem de enxergar o mundo, interpretando o pensamento dos povos originários como primitivo, inferior e não civilizado. Essas fontes de conhecimento, os mitos, para o ocidente, estiveram por muito tempo em oposição a ciência, eram tidos como algo irracional e que não condizia com a realidade. Para os ocidentais, fazia sentido descrevê-los como algo fantasioso e mais próximo a contos de fada do que da racionalidade. Assim, segundo Vitor Ferreira da Silva, “as características do pensamento indígena contrastam fortemente com a nossa cosmologia (judaico-cristã), ou seja, com nossas concepções sobre a ordem do universo”<sup>12</sup>.

Por séculos o conceito de mito foi considerado como algo relacionado a uma ilusão, que nada mais era do que um produto de mentes “pouco evoluídas”. Por outro lado, há populações inteiras que acreditam nessas narrativas e as entendem como

---

<sup>10</sup> LOPES DA SILVA, 1994.

<sup>11</sup> LOPES DA SILVA, 1995.

<sup>12</sup> SILVA, Vitor Ferreira. *Quimeras de índios ou querelas de brancos? Usos e abusos da mitologia indígena em sala de aula*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018. p. 54.

uma realidade, as transmitem oralmente para seus filhos e netos, tomando o cuidado para que sejam repassadas e não se percam.

Há uma ideia preconceituosa de que essas narrativas refletem um tipo de saber inferior, se comparado aos conhecimentos ocidentais, essa forma de pensamento atribui às sociedades indígenas, uma forma de pensar tida como pré-científica, haja vista que guiam muito de sua vida cotidiana por seus mitos e cosmologias e não pelo conhecimento produzido pela ciência. Desse modo, para parte da sociedade ocidental, esses mitos foram e ainda são definidos como narrativas falsas, à medida que apenas a ciência/razão é vista como uma forma de produção de conhecimento válido.

Partindo desse princípio, essa concepção etnocêntrica sobre a mitologia “é fruto de uma história particular e produto do modo ocidental de ver e compreender outros povos e outras culturas”<sup>13</sup>. Assim, a mitologia é relacionada a aspectos como a oralidade, a subjetividade, a emoção e opõe-se à racionalidade e à ciência, quando, na realidade, é possível entender tais mitos como um modo de linguagem diferenciado, uma maneira de pensar e se expressar que privilegia categorias, conceitos, imagens e noções que se articulam em histórias. Dessa maneira, Celestino de Almeida pontua que “os mitos, longe de serem vistos como estruturas frias de relações simbólicas fechadas, são compreendidos como mais um gênero de narrativas históricas criativamente expandidas para formular novas compreensões coletivas dos processos históricos”<sup>14</sup>. Desse modo, os diversos povos indígenas encontram em suas mitologias e tradições orais uma forma de lidar com as mudanças pelas quais passaram ao longo do tempo e do contato que tiveram com outras populações, atribuindo novos significados às mudanças que impactaram suas vidas.

Lopes da Silva<sup>15</sup> enfatiza que a linguagem da mitologia é simbólica, articulada de uma maneira lógica com narrativas orais e aborda temas e questões que envolvem a humanidade com um todo. A mitologia faz parte da cultura de povos específicos e

---

<sup>13</sup> LOPES DA SILVA, 1995, p. 323.

<sup>14</sup> CELESTINO DE ALMEIDA, Maria R. *Metamorfoses Indígenas: Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. p. 272.

<sup>15</sup> LOPES DA SILVA, 1995.

---

expressa inquietações relacionadas aos contextos sociais próprios dessas comunidades, logo, é suscetível que passe por transformações, pois não é estática, podendo ser ressignificada de acordo com as vivências e necessidades de determinado grupo, inclusive, devido às constantes mudanças dos acontecimentos presentes. Essas narrativas estão inseridas dentro de um contexto racional e de expressão lógica, são produzidas a partir de saberes, concepções e filosofias de vida dos diversos povos indígenas que habitam as terras brasileiras.

Conforme afirmam Giovani José da Silva e Vitor Ferreira da Silva, “as mitologias, sejam de atuais populações indígenas americanas ou de outros povos localizados em distintos tempos e espaços, podem ser utilizadas no ensino de diferentes componentes curriculares [...]”<sup>16</sup>. Com isso, pode ser uma interessante temática nas aulas da disciplina de História, entretanto, as questões até aqui pontuadas são pertinentes, sob a ótica de que não é possível fazer a abordagem das cosmologias e mitos indígenas nas aulas de História, sem que concepções equivocadas sejam anteriormente desconstruídas. Os professores e professoras, ao inserir esse assunto em suas aulas têm como dever fazer essas pontuações e instigar os alunos a lançarem um olhar que vá além do que é colocado para eles em alguns livros didáticos, por exemplo.

No senso comum é corriqueiro a associação de “mito” com algo que não condiz com a realidade. Desse modo, a maioria dos alunos provavelmente têm essa concepção em relação a esse conceito, portanto, desmistificar essa ideia é fundamental para efetivar um ensino da história Indígena que seja crítico e reflexivo. Essa abordagem desconstrutiva também possibilita aos alunos o reconhecimento de que dentro das etnias indígenas há sujeitos históricos, capazes de produzir um conhecimento válido para ser estudado e compreendido, como por exemplo, uma visão de mundo própria desses povos, que acreditam que sua tradição é algo mutável e não permanente, estando intrinsecamente ligada às suas identidades culturais.

---

<sup>16</sup> JOSÉ DA SILVA; SILVA, 2017, p. 09.



## A COSMOLOGIA WAJĀPI: BASES FILOSÓFICAS

Diante do exposto até aqui, é perceptível a necessidade de aulas de História que privilegiem o estudo sobre as cosmologias e mitos das populações indígenas como uma forma de aproximação de estudantes não-indígenas com as histórias e culturas dos povos ameríndios habitantes do território nacional. Assim, é importante que a história local seja protagonista nas matrizes curriculares de História no Amapá, possibilitando que alunos amapaenses conheçam, por intermédio da escola, as etnias indígenas que aqui residem, para poderem reconhecer esses grupos fora dela. Nessas terras há atualmente cinco etnias, os Wajãpi, os Karipuna, os Galibi Marworno, os Palikur e os Galibi do Oiapoque<sup>17</sup>. Neste trabalho, o foco gira em torno da etnia indígena Wajãpi, pois, a partir do estudo de suas filosofias de vida e da forma como se relacionam com o mundo, é possível realizar uma discussão que envolva alunos da educação básica, especialmente, dos 8º e 9º anos do ensino fundamental – anos finais, para que reflitam sobre as perspectivas cosmológicas dessa comunidade tradicional<sup>18</sup>.

O povo indígena Wajãpi do Amapá tem sua origem ligada ao baixo rio Xingu, durante o século XVIII cruzaram o rio Amazonas e se estabeleceram no extremo norte do Brasil, “no interflúvio dos rios Jari, Araguari e Oiapoque”<sup>19</sup>. Atualmente, esse povo vive em uma área com 607 mil hectares, a qual foi demarcada e homologada em 1996<sup>20</sup> e que fica situada entre os municípios de Pedra Branca do Amapari e Laranjal do Jari, fazendo parte do Mosaico de Áreas Protegidas da Amazônia Oriental. Segundo dados que constam *no Edital de Contratação: Assessoria para Fortalecimento de Organizações Indígenas do Povo Wajãpi*<sup>21</sup>, a sua população atual é de aproximadamente 1.700 pessoas, que vivem em cerca de 100 aldeias diferentes.

<sup>17</sup> GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Fajardo. *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* Macapá: Iepé, 2003.

<sup>18</sup> Vale ressaltar que há uma etnia indígena de mesma denominação na Guiana Francesa, porém, não será abordada nesta pesquisa, pois, apesar de serem povos ligados possuem diferenças em suas histórias e culturas e não há grande troca de contato entre um e outro.

<sup>19</sup> GALLOIS; GRUPIONI, 2003, p. 16.

<sup>20</sup> Terra Indígena Wajãpi (TIW) demarcada pelo governo federal através do Decreto 1.775, de 1996.

<sup>21</sup> INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA. *Edital de Contratação: Assessoria para Fortalecimento de Organizações Indígenas do Povo Wajãpi*. Amapá, 2023.

---

Além disso, de acordo com a antropóloga Dominique Gallois<sup>22</sup>, a primeira menção do povo Wajãpi está datada no ano de 1665 encontrada nos relatos dos padres jesuítas responsáveis pela organização dos aldeamentos nas redondezas do baixo Xingu.

Os Wajãpi são falantes da língua Tupi-Guarani. Os que habitam os rios Oiapoque e Jari, sofreram influências do idioma Caribe, em contrapartida, a parte da população dessa etnia que está concentrada na região de Pedra Branca do Amapari não sofreu essa interferência e continua utilizando sua língua nativa sem modificações. Os Wajãpi do Amapá possuem trocas, no sentido de convivência, com a população não-indígena próxima de onde habitam, entretanto, esse contato não é frequente. A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) contactou esses indígenas apenas em 1973 e passou a ter uma maior aproximação com a etnia<sup>23</sup>.

É importante mencionar que esse contato com os não-indígenas fez com que o povo Wajãpi fortalecesse e passasse a valorizar o seu modo de ser como uma identidade étnica. Dentro de seu território demarcado há uma quantidade considerável de recursos minerais, que começaram a ser explorados por empresas de mineração na década de 1970, mesma época em que a demarcação de terras indígenas inicia. Com essa constante ameaça -da exploração mineral próxima de suas terras-, os Wajãpi fortaleceram as suas tradições e atualmente expressam grande apego por seus próprios conhecimentos e lutam pela defesa e autonomia de suas terras. A demarcação de seu território se tornou possível a partir dos esforços da FUNAI, juntamente com o Centro de Cooperação Alemã e Centro de Trabalho Indigenista, no sentido de desenvolver estudos que tornassem possível tal demarcação, como também, devemos destacar, pelo empenho dos próprios indígenas nesse processo<sup>24</sup>.

Um fato importante sobre o processo de demarcação das terras Wajãpi é o controle feito de forma autônoma pelos próprios indígenas, que se dispuseram a trabalhar na demarcação das terras ao seu modo, no seu tempo, entrelaçando o trabalho de demarcação com suas atividades sociais, rituais e produtivas. Se

---

<sup>22</sup> GALLOIS, Dominique Tilkin. *Mairi revisitada: a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral Wajãpi*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e de Indigenismo da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1994.

<sup>23</sup> SILVA, 2018.

<sup>24</sup> SILVA, 2018.

quisermos pensar em termos de protagonismo, esse é um bom evento para ser analisado<sup>25</sup>.

Com isso, pode-se perceber que os Wajãpi estavam diretamente envolvidos no processo de demarcação de seu território e com isso, é possível entendê-los como sujeitos ativos e protagonistas de suas próprias conquistas que mesmo perante tais lutas pela demarcação, não deixaram os seus deveres culturais de lado. “Por exemplo, os Wajãpi interromperam várias vezes o andamento das expedições demarcatórias para participar das festas de caxiri, a bebida ritual Wajãpi”<sup>26</sup>. O interessante nesse aspecto é que para a sociedade ocidental isso não é comum: há uma hora marcada para cada compromisso, rigorosamente seguido por uma agenda com datas e horários que dificilmente podem ocorrer em conjunto com alguma situação sociocultural. Nesse sentido, por meio do *Plano de Ação Wajãpi*<sup>27</sup>, com as palavras dessa própria comunidade, podemos observar a maneira pela qual ela entende o mundo, que está intimamente conectado as suas cosmologias, aos seus saberes e modos de viver:

Nós Wajãpi não queremos perder nossos conhecimentos. Queremos sempre valorizar nosso jeito de pensar. Os conhecimentos não indígenas são importantes para os Wajãpi, mas não podem substituir os nossos conhecimentos. Pelos nossos conhecimentos sabemos cuidar da nossa terra e da floresta. Sabemos também nos relacionar com as pessoas, com outros seres, outros povos e com tudo que existe no mundo. Os conhecimentos Wajãpi servem para viver bem, para fazer nossas festas, respeitar nossas regras e usar os recursos da floresta sem destruir. Nossos netos precisam continuar usando todos os nossos conhecimentos na prática. Não queremos trocar nossos conhecimentos pelo conhecimento dos não-índios. Eles têm que respeitar o que conhecemos há muito tempo. Os não-índios precisam entender que temos um jeito diferente de viver, de se organizar, de pensar e que tudo isso está ligado.<sup>28</sup>

Pelo exposto, a etnia Wajãpi evidencia o desejo de que seus conhecimentos próprios não se percam, pois é fundamental para eles que esse saber se mantenha vivo e que seja compreendido e valorizado pelos não-indígenas. Eles pontuam que possuem sua maneira de lidar com os acontecimentos do mundo de uma forma que

---

<sup>25</sup> SILVA, 2018.

<sup>26</sup> SILVA, 2018, p. 26.

<sup>27</sup> SZMRECSÁNYI, Lúcia; KAHN, Marina. *Plano de Ação Wajãpi*. Macapá: Iepé, 2012.

<sup>28</sup> SZMRECSÁNYI, 2012, p. 29.

---

possam viver bem. Nessa perspectiva, isso se torna possível justamente por conta dos elementos cosmológicos que há dentro do universo indígena dessa população, pois para eles é necessário que haja um equilíbrio entre todas as coisas que estão inseridas no mundo para poderem concretizar as demandas existentes em sua sociedade. Dessa maneira, é notório que os Wajãpi não se submetem aos padrões pré-estabelecidos de organização do restante da população brasileira não-indígena.

Para esse povo indígena, seus saberes e modos de viver garantem a qualidade de suas vidas e também a qualidade do ambiente onde eles estão localizados. No *Plano de Gestão Socioambiental Terra Indígena Wajãpi* é mencionado por eles que estão “[...] muito preocupados com a nossa terra e nos perguntamos como vamos continuar vivendo dentro dela sem perder a riqueza dos nossos modos de vida”<sup>29</sup>. Logo, percebe-se a importância que seu território possui, que foi conquistado após anos de luta das lideranças indígenas em prol do seu direito a essa área. Além disso, é relevante ressaltar que esse plano, na perspectiva dos Wajãpi, foi realizado com a pretensão de destacar em seu conteúdo a valorização que eles dão as suas vivências, pelo jeito como ocupam as suas terras, por sua maneira de fazerem festas, rituais religiosos, casamentos, de criar seus filhos e repassar seus conhecimentos para as novas gerações.

Partindo desse pressuposto, dentro de sala de aula é relevante estabelecer as bases para uma sociedade plural e mais abrangente, onde sujeitos como os Wajãpi, sua história e cultura sejam abordados na educação básica. Como mencionado anteriormente, esse povo tem muito apreço por seu modo de viver, pela maneira como entendem o mundo e como a partir disso, colocam em prática no seu cotidiano a sua cosmologia. Desse modo, se faz necessário que o campo educacional da história, como um importante caminho para instigar os/as estudantes a serem indivíduos críticos e reflexivos, seja um lugar onde haja um diálogo intercultural entre os saberes indígenas e não-indígenas e para tal, a cosmologia dessa etnia pode servir como base para a ministração de novos conteúdos. Além disso, Brighenti<sup>30</sup> pontua

---

<sup>29</sup> GALLOIS, Dominique Tilkin *et al.* *Plano de Gestão Socioambiental Terra Indígena Wajãpi: como estamos organizados para continuar vivendo bem em nossa terra*. Macapá: Apina/Awatac/Iepé, 2017. p. 17.

<sup>30</sup> BRIGHENTI, 2022.

que os profissionais da área da educação, professores-historiadores e professoras-historiadoras neste caso, devem estar preparados e conhecer a fundo as cosmologias da sociedade ocidental, não as colocando como algo de valor universal, mas sim fundamentando que há outras visões de mundo além da que os educandos e educandas estão acostumados a presenciar.

É de suma importância que essas discussões sejam feitas em sala de aula para levar os alunos/as a refletirem sobre suas próprias filosofias de vida e em relação a de outros povos e culturas. Tal prática tem a pretensão de fazer com que esses aprendizes compreendam as diferenças existentes e se posicionem frente a elas a partir de suas próprias vivências. Para a população ocidental é comum se perguntar de onde viemos, onde estamos, qual nosso propósito na terra e outros questionamentos que estão inseridos na vida. Os Wajãpi também são possuidores dessas indagações, não apenas eles, mas as populações indígenas, em toda a sua pluralidade e diversificação, têm as mesmas preocupações com essas questões e possuem variadas respostas para isso. Nesse sentido, Vitor F. da Silva pontua que:

É importante observarmos que o cosmo Wajãpi é todo recortado entre domínios estanques. São realidades sobrepostas, hoje (depois da especiação relatada nos mitos) acessadas por determinadas pessoas (os xamãs) e em determinadas situações. Podemos dizer que a mitologia Wajãpi é uma via de acesso para representar o seu universo (feito de domínios estanques, ocupados por determinadas 'gentes'). É a explicação da origem da configuração do domínio dos donos e as gradativas mudanças que ocorreram com a especiação<sup>31</sup>.

Com isso, os Wajãpi têm parte das respostas para os seus questionamentos por meio de sua mitologia, que juntamente com suas outras tradições orais, a arte gráfica Kusiwa, seus ritos, danças e músicas formam a sua cosmologia. Desse modo, estudar a cosmologia indígena nas aulas de História possibilita que os/as estudantes percebam as diferenças entre as visões de mundo do ocidente e das sociedades indígenas. É relevante essa abordagem para a desconstrução da ideia de que há hierarquias nos saberes, que os grupos indígenas e seus pensamentos são inferiores aos conhecimentos dos não-indígenas. Cada sociedade está cercada de princípios filosóficos próprios que têm suas particularidades, logo, todas devem ser

---

<sup>31</sup> SILVA, 2018, p. 30.

---

consideradas de uma maneira igualitária não havendo “valores universais” e imposições do que é certo ou errado em termos sociais e culturais.

Nesse sentido, há várias possibilidades para se abordar em sala de aula as cosmologias indígenas de povos que permanecem fazendo a manutenção constante de sua cultura. A inclusão da temática indígena nas aulas de História apresenta diversificados caminhos para reflexões no ambiente escolar. Ao trabalhar as cosmologias indígenas evidencia-se a pluralidade de saberes que são manifestados por diferentes grupos no território brasileiro. Bastos e Sousa destacam que:

[...] no ensino de História há centralidade das mitologias europeias quando se estuda conteúdos referentes a Grécia ou Roma na Antiguidade. Conteúdos que sustentam a continuidade de uma História elaborada na perspectiva do colonizador. As narrativas mitológicas dos grandes impérios da História Antiga da Europa Ocidental chegam aos estudantes por diversos suportes: livros didáticos, games, séries ou filmes. Porém, estes suportes mantêm em sua estrutura as narrativas do ‘velho continente’<sup>32</sup>.

Dessa maneira, assim como pontuam os autores acima citados<sup>33</sup>, os grupos indígenas e suas cosmologias e mitologias não são evidenciados em sala de aula e em materiais didáticos disponibilizados dentro das escolas. Além disso, suas narrativas cosmológicas por muito tempo estiveram ligadas ao preconceito e discriminação, heranças herdadas dos colonizadores portugueses que tentaram apagar as formas indígenas de ver e representar o mundo. Esse fato faz com que haja uma desvalorização dos significados e potencialidades que permeiam as cosmologias dessas comunidades tradicionais, que quando abordadas em sala estão repletas de estereótipos, sendo vistas como folclóricas e alegóricas. Colocar em evidência seus mitos e suas cosmologias é permitir a visibilidade desses novos sujeitos pertencentes à historiografia brasileira, apesar de não terem tido o reconhecimento de sua real importância durante séculos dentro dela. Desse modo, abordar as questões indígenas na educação é ressignificar ideias equivocadas persistentes. Assim como pontua Brighenti:

---

<sup>32</sup> BASTOS, Cecília Maria C. B.; SOUSA, Fernando Silva. Temática Indígena no Ensino de História: Reflexões acerca das cosmovisões do povo Palikur – Arukwayene em sala de aula. In: BASTOS, Cecília Maria C. B.; JOSÉ DA SILVA, Giovani (org.). *Diálogos entre História Indígena e Ensino de História*. Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 11-27. p. 16.

<sup>33</sup> BASTOS; SOUZA, 2022.

[...] trabalhar com a temática da História e Cultura Indígena em sala de aula é antes de tudo pensar na troca de saberes, ou seja, na interculturalidade profunda. Trabalhar com esses pressupostos implica ainda mais, alude que para que esses povos tenham condições de viver suas filosofias, precisam de garantia de espaços suficientes para viver suas práticas e saberes<sup>34</sup>.

Assim, com a criação da Lei nº 11.645/08, é fundamental que se formule um diálogo intercultural a partir das filosofias mais profundas das sociedades indígenas e não-indígenas no ambiente escolar. Desse modo, poderá ser efetivada uma educação para as relações étnico-raciais que faça os/as estudantes compreenderem “que nas trocas de saberes as sociedades oferecem aquilo que possuem de melhor e o diálogo de saberes passa fundamentalmente por respeito aos valores do outro”<sup>35</sup>. Com isso, reconhecer as diferenças será algo que irá além de características físicas ou adereços espalhados pelo corpo, que, sem dúvidas, estão associados à maneira como um determinado grupo enxerga o mundo. A sua cosmologia, expressada pelas filosofias, pinturas corporais, idiomas, seus movimentos socioculturais e suas mitologias, deve ser observada como o resultado de um conjunto de valores que cada povo carrega consigo, incorporada em suas vivências e ao seu cotidiano. Desse modo, postula Brighenti:

A temática indígena possui a capacidade de questionar as mazelas sociais, as limitações de valores e mesquinhas, para isso é necessário conhecer com mais profundidade, avançar naquilo que de fato diferencia as sociedades. Somente assim, os estudantes e a sociedade perceberão que pouco importa se o indígena possui um aparelho celular ou antena de televisão, porque esses são apenas superficialidades<sup>36</sup>.

Nessa perspectiva, é viável um ensino escolar que aborde a História Indígena e utilize em sala de aula como fonte histórica as mitologias indígenas, como uma forma de aproximar os/as estudantes das cosmologias dessas populações. Como ressaltam José da Silva e Vitor F. da Silva sobre o povo Wajãpi e sua mitologia, compreender e estudá-los, é reconhecer que “[...] esses grupos sociais são protagonistas da história local/regional. São sujeitos históricos e suas tradições orais, especificamente sua mitologia, são um lugar privilegiado para perceber esse protagonismo [...]”<sup>37</sup>. Com

---

<sup>34</sup> BRIGHENTI, 2022, p. 17.

<sup>35</sup> BRIGHENTI, 2022, p. 17.

<sup>36</sup> BRIGHENTI, 2022, p. 18.

<sup>37</sup> JOSÉ DA SILVA; SILVA, 2017, p. 18.

---

isso, nos relatos mitológicos é possível verificar uma expressão particular dos Wajãpi sobre determinados acontecimentos, sobre as relações com o meio ambiente, as divindades e as relações sociais.

No entanto, antes de trazer para a sala de aula as narrativas mitológicas dos povos indígenas, sejam esses os Wajãpi ou qualquer outra etnia, é interessante que se aborde as histórias desses indivíduos, fatos que são marcantes em suas trajetórias como sujeitos históricos<sup>38</sup>. Isso se faz necessário para que os educandos e educandas desenvolvam um entendimento claro sobre quem estão estudando. Entender e respeitar as histórias dessas populações é um caminho para se chegar em suas culturas, logo, em suas cosmologias, seus modos de ser, de viver e entender o mundo a partir das cosmovisões desses grupos. Com isso, é possível elaborar práticas pedagógicas<sup>39</sup> que evidenciem e gerem reflexões nas aulas de história local, estimulando os alunos/as a levantarem hipóteses e a alcançarem suas próprias conclusões acerca das diferenças e pluralidades presentes na realidade brasileira, especialmente, na do Amapá, a qual faz parte do cotidiano da população local.

Trabalhar as cosmologias/mitologias indígenas durante as aulas de história no Amapá traz visibilidade para as etnias indígenas que habitam esta região e aproxima os estudantes de outras realidades. Além disso, essa abordagem os faz refletir sobre suas próprias concepções de mundo e a entender de maneira mais abrangente o lugar ao qual pertencem.

## **ELEMENTOS COSMOLÓGICOS E SUAS FORMAS DE BEM-VIVER**

A etnia indígena Wajãpi possui sua própria cosmologia que está envolta de elementos que influenciam as suas formas de viver cotidianamente. As suas mitologias são repassadas há várias gerações, nessas narrativas estão inseridas as histórias desse povo, de seus antepassados, estão conectadas as suas formas de ver o mundo. Segundo Dominique Gallois, esse povo em uma de suas tradições orais

---

<sup>38</sup> BASTOS; SOUSA, 2022.

<sup>39</sup> Destacamos as aulas oficinas na perspectiva de Barca, por meio de sequências didáticas. BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projecto à Avaliação. In: BARCA, Isabel (org.). *Para uma educação histórica de qualidade*. Braga: Minhografe, 2004. p. 131-144.



descrevem um lugar chamado Mairi, que seria uma “casa de argila construída pelo herói lanejar e pelos primeiros homens brancos, para se protegerem do fogo e do dilúvio que, ciclicamente, destroem a humanidade”<sup>40</sup>. Este lugar, conhecido como Mairi para os Wajãpi, é o que é hoje para os amapaenses não-indígenas a Fortaleza de São José de Macapá, construída no século XVIII. Para os Wajãpi o que está à beira do rio Amazonas que banha a capital macapaense é Mairi.

As mitologias fazem parte do cotidiano dos Wajãpi, estão ligadas aos seus modos de vida no dia a dia. Um exemplo disto, segundo Vitor Ferreira da Silva<sup>41</sup>, são as danças e músicas que para os Wajãpi são muito relevantes, são um meio de comunicação entre esses indígenas e os domínios cósmicos. Esses elementos são utilizados durante rituais feitos por essa etnia. Há uma bebida chamada caxiri utilizada em momentos festivos/ritualísticos que em si carrega o significado de afirmar a vida social, já a dança e a música se tornam uma forma de manter a comunicação com o sobrenatural. Para os Wajãpi, a dança foi um ensinamento repassado pelo herói criador lanejar e a música está relacionada com a flauta que, segundo os mitos Wajãpi, lhes foi dada também por seu criador.

Ao analisar essas narrativas, é possível notar sua influência no cotidiano dessa população. Em uma das versões do mito de criação que consta no *Plano de Ação Wajãpi*<sup>42</sup> nota-se a importância que essa etnia dá a sua agricultura e produção de alimentos. Para os Wajãpi, o seu criador lanejar deixou dois alimentos que devem ser valorizados, a banana e o milho, são produtos que os impulsionam a cuidar de suas plantações, pois, segundo suas crenças esses são elementos da natureza que servem/servirão como proteção para eles. Inclusive, os seus conhecimentos sobre plantação e alimentação são transmitidos de geração para geração. No entanto, os indígenas pontuam no livro *Alguns conhecimentos sobre agricultura* que “[...] mudanças no modo de vida podem levar os conhecimentos a se perder”<sup>43</sup>. Com isso,

---

<sup>40</sup> GALLOIS, 1994, p. 17.

<sup>41</sup> SILVA, 2018, p. 41.

<sup>42</sup> SZMRECSÁNYI, 2012, p. 12.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, Joana Cabral de. *Alguns conhecimentos sobre agricultura*. Programa Wajãpi. Macapá: Iepé, 2007. p. 09.

---

as novas gerações de alguma forma podem se afastar das tradições que seus antepassados zelam.

Os conhecimentos agrícolas não são separados de todo o conhecimento que os Wajãpi têm sobre o mundo em que vivem. Os saberes de um povo são ligados a seu modo de vida, à sua organização social, seus valores e suas teorias sobre o universo. Para valorizar e fortalecer os conhecimentos dos Wajãpi, precisamos valorizar seu jeito próprio de viver<sup>44</sup>.

Outra questão que faz parte do dia a dia dos Wajãpi e está ligada com a sua cosmologia/mitologia é seu o sistema de representação gráfico próprio, denominado Kusiwa, que foi reconhecido como patrimônio imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2017. Essa arte é considerada por esta etnia como uma forma de se comunicar com o mundo sobrenatural. Para os Wajãpi, segundo Vitor F. da Silva<sup>45</sup> usar elementos do grafismo Kusiwa pelo corpo, no cotidiano ou em rituais, simboliza, de uma maneira individual, a plenitude da pessoa e na coletividade significa boa saúde para a humanidade. Também é utilizado para enfeitar, proteger e fortalecer os corpos dessa população. Toda pintura feita possui seus próprios donos que, segundo a mitologia Wajãpi são os seres que a pintaram primeiro e por esse motivo, as artes não devem ser usadas de qualquer forma<sup>46</sup>.

Trata-se de uma forma de expressão que evidencia, na sua utilização cotidiana, o entrelaçamento entre a estética e outros domínios do pensamento. Sua eficácia está na capacidade de estabelecer comunicação com uma realidade de outra ordem, que somente se pode conhecer na mitologia e pelo elenco codificado de padrões. Narrativas orais e composições gráficas colocam em cena seres que não podem mais serem vistos pelos humanos de hoje, mas cuja existência pode ser acessada por meio dessas formas particulares de conhecimento e expressão<sup>47</sup>.

Dessa forma, para os Wajãpi, de acordo com sua tradição oral, as cores e os padrões gráficos da Arte Kusiwa remetem aos tempos antigos, na época dos

---

<sup>44</sup> OLIVEIRA, 2007, p. 09.

<sup>45</sup> SILVA, 2018.

<sup>46</sup> SZMRECSÁNYI, 2012.

<sup>47</sup> GALLOIS, Dominique Tilkin *et al.* *Dossiê Iphan 2: Wajãpi – Expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá*. Macapá: Ministério da Cultura, IPHAN, 2002. p. 12.

ancestrais dos seres humanos atuais. Anteriormente não havia cores ou formas dissemelhantes entre os habitantes do planeta, “todos eram iguais, sem diferenças marcadas em seus corpos, em suas línguas ou em seus conhecimentos e práticas de vida”<sup>48</sup>. Desse modo, não havia distinção aparentemente entre ninguém, o que mudava era o repertório musical, além disso, os conhecimentos de cada ser também não eram os mesmos. Foi durante uma grande festividade que Ianejar separou homens e animais, assim, foi introduzida a diferenciação entre as espécies e cada uma foi distribuída em determinado espaço dentro da sociedade.

De acordo com Dominique Gallois no *Dossiê Iphan 2: Wajãpi - Expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá*<sup>49</sup>, cada tipo de revestimento possui sua própria eficácia: a tinta de urucum, a resina de cheiro e os padrões gráficos que são aplicados com jenipapo constituem-se de revestimentos corporais os quais, segundo a cosmologia da etnia, podem interferir na relação que a pessoa possui com o mundo em sua volta. Assim, quando o indígena está com o corpo coberto de urucum e com o cheiro dessa tinta, ele está protegido dos perigos que os espíritos da natureza oferecem. Já, a laca, preparada com resinas aromáticas, traz em si a mansidão e calma, é bastante utilizada por anfitriões que gostariam de receber de bom grado os seus hóspedes em alguma festa e até mesmo desconhecidos que por algum motivo chegaram à aldeia. As artes feitas com jenipapo também têm a capacidade de aproximar entidades espirituais variadas, pois “são referências diretas à beleza e à potência dos seres do tempo das origens”<sup>50</sup>. Com isso, acredita-se que aqueles que se pintam com essa tinta se tornam visíveis aos já falecidos que vivem na aldeia, juntamente com o criador Ianejar, por esse motivo, as crianças pequeninas e quem estiver de luto devem evitar utilizá-la em suas pinturas.

O ambiente onde esses indígenas habitam também é algo de relevância em suas cosmologias. O lugar onde moram, as suas casas, possuem formas próprias de se estruturarem. Por exemplo, ao redor dessas construções há plantações de algodão, remédios, jenipapo, pupunha, urucum, frutas e certamente bananas e milho

---

<sup>48</sup> GALLOIS *et. al.*, 2002, p. 12.

<sup>49</sup> GALLOIS *et. al.*, 2002.

<sup>50</sup> GALLOIS *et. al.*, 2002, p. 17.

os quais, conforme mencionado anteriormente, são alimentos que possuem conexão com o herói lanejar, um dos grandes protagonistas de suas mitologias. As suas casas estão localizadas em suas terras no plano físico, que segundo a sua visão de mundo, estão acima de uma outra terra, no mundo espiritual, que é habitada pelos seus donos, nesse outro espaço os donos da terra possuem suas próprias aldeias e roças. Os indígenas pontuam que esse local pode ser perigoso para eles quando estão no período de resguardo se não obedecerem ao tempo reservado para tal, outra coisa que não deve ser feita é ter filhos recém-nascidos e cavar a terra. Com isso, nota-se que a relação desse povo com o seu território vai além de vê-lo apenas como uma localidade onde habitam, mas também há uma questão de visualizá-la como algo importante que merece ser preservado e valorizado. Sobre essa relação dos Wajãpi com os diversos elementos da natureza, Gallois indica que, para eles,

os animais também têm alma e uma vida social semelhante à dos humanos, em contínuo desenvolvimento. As árvores e a maioria das plantas, por sua vez, abrigam almas em corpos de gente, mas desde a diferenciação das espécies promovida por lanejar no começo dos tempos, apenas os xamãs têm acesso a essa realidade. lanejar, que dirigiu, no início dos tempos, o destino da humanidade, significa, literalmente, 'nosso dono'. Tudo e todos, neste mundo, pela tradição wajãpi, têm seus respectivos donos: homens, plantas, animais e até mesmo os elementos que costumamos considerar 'inanimados', como as pedras. A principal atribuição dos donos de todos esses seres consiste em tomar conta de suas criaturas, cuidando de seu crescimento, seu bem-estar e seu movimento<sup>51</sup>.

No trecho acima pode-se observar que os Wajãpi possuem uma profunda relação com os elementos da natureza, já que para eles, as árvores e plantas não tem o mesmo valor que tem para a sociedade ocidental, uma vez que possuem dentro de si energias de outros seres. Na cosmologia Wajãpi os humanos mantêm relações com os donos de animais e plantas que se manifestam de diferentes “[...] formas por meio de ações de cooperação, identificação e cura de males e infortúnios [...]”<sup>52</sup>. Dessa maneira, esses indígenas enxergam no ambiente natural em que vivem uma forma de assegurarem a sua conexão com o mundo de lanejar, até o que seria uma simples pedra para um não-indígena é vista como um importante elemento da natureza para os Wajãpi e pode abrigar um outro ser. Essas e outras questões para o povo indígena

<sup>51</sup> GALLOIS *et. al.*, 2002, p. 15.

<sup>52</sup> GALLOIS *et. al.*, 2002, p. 15.

Wajãpi são manifestadas de diversas formas no seu dia a dia, é algo que faz parte de sua rotina cotidiana e tem profunda ligação com sua visão de mundo.

Como abordado nos parágrafos acima, a cosmologia Wajãpi está inserida em muitos momentos da vida desses indígenas, assim como a cosmologia ocidental também guia certos aspectos do cotidiano dos não-indígenas. Portanto, conforme o que foi evidenciado neste trabalho, é possível afirmar que o ensino da História Indígena dentro das escolas não-indígenas é de grande relevância que essas questões sejam ressaltadas e evidenciem para os/as estudantes como os indígenas Wajãpi interpretam suas mitologias e como elas estão inseridas em suas vivências diárias. É necessário concretizar esse diálogo com os educandos e educandas para que eles e elas possam perceber como esses elementos culturais contribuem para a tradição de um povo se manter viva e ser repassada para as novas gerações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sem dúvida, a cosmologia e a mitologia podem ser consideradas como o ponto de convergência dos múltiplos aspectos da experiência e dos sentimentos que movimentam a cultura de um povo: relações com o ambiente natural, relações de parentesco, relações políticas, crenças e práticas religiosas, usos e costumes diversos<sup>53</sup>.

Pensando tais questões em sala de aula, observa-se que o campo educacional da História possibilita a abertura para o diálogo com a História Indígena, permitindo, assim, a valorização da diversidade étnica e cultural presente na sociedade brasileira. Com isso, há possibilidades para efetivar uma prática pedagógica que esteja em um viés ligado à pluralidade étnico-racial das diversas regiões do país, em especial, a Amazônia. Portanto, a interculturalidade e as reflexões acerca dos povos originários nas aulas de História é um caminho viável para a concretização da Lei nº 11.645/08 nas escolas da educação básica, o que oportuniza

---

<sup>53</sup> GALLOIS *et. al.*, 2022, p. 83.

---

a abordagem da história e culturas dessas etnias em conteúdos escolares que tem como enfoque, ainda, a História local.

Dessa forma, Edson Brito ressalta que “avançando em direção a uma nova postura pedagógica, o ensino de história pode trabalhar como uma noção de história que reconheça as histórias dos povos indígenas e a sua presença na contemporaneidade nacional”<sup>54</sup>. Assim, é notório que os povos originários possuem conhecimentos que não são explorados pelos não-indígenas, por isso a relevância de trazer para o âmbito educacional as cosmologias indígenas. Portanto, sair de uma narrativa eurocêntrica é imprescindível para concretizar uma prática pedagógica que valorize esses sujeitos (e seus conhecimentos), os quais são importantes na formação da sociedade nacional.

## REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projecto à Avaliação. In: BARCA, Isabel (org.). *Para uma educação histórica de qualidade*. Braga: Minhografe, 2004. p. 131-144.

BASTOS, Cecília Maria C. B.; SOUSA, Fernando Silva. Temática Indígena no Ensino de História: Reflexões acerca das cosmovisões do povo Palikur – Arukwayene em sala de aula. In: BASTOS, Cecília Maria C. B.; JOSÉ DA SILVA, Giovani (org.). *Diálogos entre História Indígena e Ensino de História*. Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 11-27.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008.

BRIGHENTI, Clovis Antônio. Revisitando a Lei 11645/2008: A Contribuição das Cosmologias Indígenas em Sala de Aula. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, vol. 16, n. 31, p. 3-21, 2022.

BRITO, Edson Machado de. O ensino de história como lugar privilegiado para o estabelecimento de um novo diálogo com a cultura indígena nas escolas brasileiras de nível básico. *Fronteiras*, vol. 11, n. 20, p. 59-72, 2009.

---

<sup>54</sup> BRITO, Edson Machado de. O ensino de história como lugar privilegiado para o estabelecimento de um novo diálogo com a cultura indígena nas escolas brasileiras de nível básico. *Fronteiras*, vol. 11, n. 20, p. 59-72, 2009. p. 67.

CELESTINO DE ALMEIDA, Maria R. História e Antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CELESTINO DE ALMEIDA, Maria R. *Metamorfoses Indígenas: Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

GALLOIS, Dominique Tilkin *et al.* *Dossiê Iphan 2: Wajãpi – Expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá*. Macapá: Ministério da Cultura, IPHAN, 2002.

GALLOIS, Dominique Tilkin *et al.* *Plano de Gestão Socioambiental Terra Indígena Wajãpi: como estamos organizados para continuar vivendo bem em nossa terra*. Macapá: Apina/Awatac/Iepé, 2017.

GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Fajardo. *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* Macapá: Iepé, 2003.

GALLOIS, Dominique Tilkin. *Mairi revisitada: a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral Wajãpi*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e de Indigenismo da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1994.

INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA. *Edital de Contratação: Assessoria para Fortalecimento de Organizações Indígenas do Povo Wajãpi*. Amapá, 2023.

JOSÉ DA SILVA, Giovani; SILVA, Vitor Ferreira da. Ensino de História e mitologias indígenas: memórias e narrativas Kadiwéu (MS) e Wajãpi (AP). *Revista Historiar*, vol. 9, n. 17, p. 8-28, jul./dez. de 2017.

LOPES DA SILVA, Aracy. Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos sócio-culturais indígenas. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC, MARI, UNESCO, 1995. p. 317- 340.

LOPES DA SILVA, Aracy. Mitos e Cosmologias Indígenas: Breve Introdução. In: GRUPIONI, Luis Donisete B. *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994.

OLIVEIRA, Joana Cabral de. *Alguns conhecimentos sobre agricultura*. Programa Wajãpi. Macapá: Iepé, 2007.

SILVA, Vitor Ferreira. *Quimeras de índios ou querelas de brancos? Usos e abusos da mitologia indígena em sala de aula*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

SZMRECSÁNYI, Lúcia; KAHN, Marina. *Plano de Ação Wajãpi*. Macapá: Iepé, 2012.